

## REVELAR O LIVRO “SOCIEDADE E NATUREZA NO SEMIÁRIDO: DESAFIOS E OLHARES GEOGRÁFICOS”

PROF. DR. LUIZ CRUZ LIMA  
Professor colaborador do MAG/UVA

Antes de tratar do livro, permitam-me explicar porque preferi usar o termo “revelar”, ao invés de “apresentar”. Nas primeiras páginas do livro, já está posta a apresentação elaborada pelas duas prezadas colegas organizadoras. Observem que, quando alguém deseja ver em impresso uma foto que está **oculta em sistema eletrônico**, solicita “revelar”, no sentido de trazê-la à vista de todos. O termo “revelar”, ou “fazer revelação”, tem o sentido de desvelar o que está encoberto. Por incrível que pareça, o sentido de revelar deriva-se da velha língua grega, que usava o termo “apocalipse”. Aqui, não desço aos mistérios míticos, busco sua etimologia: o verbo *kalypto* – no sentido de cobrir, esconder – com uma preposição “apo”, **que guarda a ideia** de “extrair algo que esteja escondido”. Compreendo que um livro guarda algo que precisa vir à tona, algo que exprima o pensar, a ideia de outra ou mais pessoas que nos transmitem suas mensagens. Ler ou interpretar essas mensagens é revelar o que contém o livro. É essa a minha pretensão.

Essa coletânea contém contribuições de dois colaboradores que atenderam ao chamamento do colegiado do MAG/UVA. Os dois artigos simbolizam sirenes a convocar todos para se alinharem à caminhada da vida acadêmica.

Professor Doutor José B. da Silva, da *Universidade Federal do Ceará* (UFC), nos apresenta um substancial texto – “**Do rural e do urbano: algumas considerações**” – como indicação de uma agenda aos jovens pesquisadores sobre o espaço de nossa vida. Em sua contribuição, encontramos ensinamentos sobre temas variados, como as gradações do espaço urbano em seus toques com o espaço rural, ante aos usos do território, com o capitalismo moderno.

Minha modesta participação – “**Contribuição metodológica em breve hermenêutica**” - toma um rumo semelhante ao do colega, mas preferindo enveredar em algumas pontuações de como desenvolver trabalhos de pesquisa em Geografia; com base em Milton Santos. Daí, ressaltar alguns conceitos e categorias para serem discutidos e aplicados nos trabalhos acadêmicos: temporalidade, configuração territorial, sistema de objetos e sistema de ações, trabalho vivo e trabalho morto ou rugosidades, entre outros.

Seguem-se onze trabalhos de jovens mestrands e mestrandas, substanciados por suas orientadoras ou seus orientadores, tratando de ricos temas: feira no espaço urbano/rural, irrigação,

bairro, cobertura vegetal, bacia hidrográfica, clima local, indígenas, crescimento da cidade, centro cultural e trabalho de campo no ensino da Geografia. De cada um desses trabalhos, o leitor reterá muitas contribuições, tanto teóricas quanto metodológicas, além de tomar contato com rica bibliografia da ciência geográfica.

“A feira de Aprazível: mudanças e perspectivas no espaço urbano”, assinado pela mestrandia Analine Parente e sua orientadora, Dra. Neide Santana, busca estudar a luta do povo, com seus conflitos territoriais, para entender a dinâmica socioespacial que se efetiva desde 1960 nessa parte do norte do estado do Ceará. É uma oportunidade de ver como o movimento popular, em sucessivas etapas, realiza o inimaginável: um centro comercial e industrial em pleno sertão semiárido.

Pelas mãos de duas jovens, mestrandia Antônia Vanessa Ximenes e a Dra. Aldiva Diniz, somos levados para testemunhar um projeto inverso, em que o poder do Estado se impõe a favor dos interesses contrários à luta dos pequenos agricultores, nos municípios de Reriutaba e Varjota. É “O perímetro irrigado Araras Norte e suas implicações sócioterritoriais”. Significativa a preferência metodológica desse trabalho, optando pelas **categorias analíticas** “estrutura, processo, forma e função”, além de partir da concepção do espaço como instância social, proposições do grande mestre Milton Santos. Vale uma leitura atenciosa desse texto estimulador de debate.

Voltemos à Sobral, buscando ver “Novas centralidades em cidades médias: uma análise de Sobral-CE”, pelas lentes de Francisco Jelos Pereira e da Dra. Virgínia Holanda, como essa cidade média teceu sua posição polarizadora no decorrer da formação econômica da região norte do Ceará. Para tanto, a historicidade do urbano no regional nos respalda como fundamento para explicar o momento atual, em que indústria e comércio herdaram da agropecuária o potencial político e econômico para manter essa cidade centralizadora de parte do Nordeste brasileiro. Elevam esse potencial o forte poder da elite política e a penetração histórica da força da Igreja Católica. Nessa caminhada de discernir o presente pelo passado, as autoras se acompanham de ilustres estudiosos, de Walter Christaller a Maria Encarnação Spósito. Conhecer Sobral em sua espacialidade, aprender suportes metodológicos e navegar na riqueza teórica da Geografia são resultados para quem se debruçar nesse trabalho das duas geógrafas.

O todo nos faz conhecer as partes, mas as partes expressam os detalhes do todo. Na escala posta, esse todo é a cidade, enquanto as partes são os bairros, menor porção administrativa do espaço urbano. Nestes, são expressas as linhas mestras das políticas públicas, assim como a realidade em que vivem seus habitantes. É através desse viés que o mestrando Joffre F. Filho e a Dra. Marize Oliveira trabalham o tema “Reflexões teóricas sobre a produção do espaço”, tendo como laboratório o bairro Dom Expedito. Assentado na teoria de Milton Santos, o estudo parte do pressuposto de que o espaço é produto de um sistema de objetos e de um sistema de ações, de

onde se definem ações políticas. Essas ações, no capitalismo, resultam em redistribuição de objetos para melhor atender as empresas em sua luta esquizofrênica por maior acumulação de capital. Nesse aspecto, David Harvey contribui com suas posturas teóricas para compreendermos a luta de classe que se expressa, especialmente, na segregação sócioespacial proveniente dos ajustes espaciais nesse bairro. Na dúzia de autores citados, o leitor é premiado com uma bibliografia que bem dimensiona o cuidado no tratamento dos temas propostos.

Em Coreaú e Frecheirinha, no alto-médio Acaraú, encontramos a Serra da Penanduba, uma dessas que a ciência denomina como “serra seca”; rica em biodiversidade, como *sói ocorrer* no semiárido brasileiro. Apesar disso, riscos de desmatamento, degradação ambiental de todo tipo, sem as proteções necessárias e medidas mitigadoras por parte do poder público, essas unidades morfoclimáticas estão sujeitas ao processo de desertificação. É nesse caminho que somos **premiados com o estudo “A serra da Penanduba (Coreaú-Frecheirinha): importante remanescente da caatinga arbórea”, de responsabilidade de José S. da Costa e da Dra. Isorlanda Caracristi.** Depois de contextualizar o objeto de estudo, o texto se amplia com uma entrada pela cobertura vegetal das caatingas, numa aula majestosa sobre o primor do que encontramos nos sertões do Nordeste. Por fim, temos três dezenas e meia de ótimas fontes da teoria e de dados da temática em foco.

Em escala diferente do tratamento de Joffre e Dra. Marize, o mestrando Juscelino Lima e Dra. Virgínia Holanda amplia a abordagem para os **34 bairros de Sobral, em seu estudo “As facetas do uso e apropriação do solo urbano em Sobral (CE)”.** O trabalho inicia com uma visão da urbanização brasileira e cearense, para situar a dinâmica de transformações em Sobral. Discutidos o conceito e o processo de evolução de cidade média, o estudo destaca a atuação do Estado e dos agentes imobiliários na recente valorização de alguns bairros – Renato Parente, N. Sr. de Fátima, Derby Club, Junco, Coração de Jesus, Pedrinhas, Domingos Olímpio e Pedro Mendes. Ao contrário, outros são desprezados pela Prefeitura e demais órgãos públicos, fazendo **parte do “quarto de despejo”<sup>1</sup>**, ou seja, bairros desprovidos das melhorias de infraestrutura, segurança, educação e saúde, assim sofrendo com a segregação socioespacial, tal como encontramos nos bairros Alto Cristo, Dom José Cohab I e II, Sumaré. Evidenciamos que Sobral entra no rol das cidades divididas.

A convite dos Drs. Fábio Cunha e Ernane Lima e seu orientando Laerton da Costa, nos deslocamos para o território potiguar, em área próxima das fronteiras com a Paraíba e Ceará, para conhecer uma unidade espacial. Trata-se do objeto do estudo intitulado “Análise geoambiental da

---

<sup>1</sup> Referência ao romance-diário “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, atadora de lixo e moradora de uma favela em São Paulo no início da década de 60. O livro ficou muito famoso à época, recebendo vários prêmios nacionais e fora do país. (n. do revisor).

sub-bacia hidrográfica do Riacho Santana, sudoeste do estado do Rio Grande do Norte”. Destaca-se por ser “uma unidade espacial integradora das características naturais do meio como também de aspectos socioeconômicos e culturais relacionados às formas de uso e ocupação do seu espaço”. Os autores tomaram como base a Teoria Geral dos Sistemas de L. von Bertalanffy, as categorias inferiores da paisagem de G. Bertrand e as contribuições de Jean Tricart, na análise da ecodinâmica dos meios. Alguns autores mais próximos, como Cláudia Granjeiro e Marcos N. de Souza, nortearam os passos metodológicos. Após a exposição da metodologia, expressam as características das unidades geoambientais da sub-bacia em foco: platô úmido, alto vale, superfície de aplainamento. É uma contribuição para os estudos integrados da natureza e sociedade.

A formação socioespacial é tema ainda pouco abordado pelas ciências sociais. O texto clássico que lhe inclui na Geografia é de Milton Santos, a partir do qual apenas alguns poucos estudiosos têm se dedicado a aplicá-lo no estudo do espaço. No caso do texto “Formação socioespacial do Ceará: debatendo a questão indígena”, Maria de Araújo, sob a orientação de Luiz Cruz Lima, tem se esforçado para aprofundar o reconhecimento dos indígenas Tremembé, na contextura social e espacial do que é hoje o norte do estado do Ceará. Antropólogos e historiadores contribuem com estudos sobre o reconhecimento dos indígenas na formação do Nordeste. A jovem estudante vem se dedicando na aplicação das bases teóricas no intuito de melhor compreender a formação socioespacial do Ceará, tomando um de seus atores, os povos nativos. No caso específico do Norte cearense, os indígenas da nação Tremembé, nos municípios de Itarema, Acaraú e Itapipoca, tiveram papel preponderante no que hoje é essa região, confirmada em documentação existente. Atualmente, remanescentes estão regularmente registrados nos órgãos públicos, cujas terras somente as do Córrego do João Pereira foram delimitadas. Enquanto as questões fundiárias não são definidas, conflitos contínuos mantêm-se em todo o Ceará e no país.

Rachel Oliveira e a Dra. Zenilde Amora nos trazem um texto sobre um importante centro cultural de Fortaleza, situado em torno de um dos bairros modestos, mas símbolo da história de nossa capital. Em “Um estudo socioespacial sobre as políticas públicas de cultura para a juventude: o Centro Urbano de Cultura, Artes, Ciências e Esportes-CUCA Barra, em Fortaleza (CE)”, elas nos ajudam a compreender a importância do CUCA Barra. Assim, logo na introdução, nos revelam a virtualidade dos gregos, pondo-nos conscientes sobre as políticas públicas e levando-nos com mais profundidade ao entendimento da cultura e da juventude. Daí, nos oferecem a importância da correlação entre espaços públicos, práticas culturais e identidade. Cabe lembrar que uma das lacunas da cidade de Fortaleza é a falta de espaços de lazer e cultura para a juventude. Não devemos esquecer que nossa Capital é uma cidade dividida, entre o espaço dos mais enriquecidos e outro dos pobres. O estudo nos apresenta o significado do CUCA Barra

como importante instrumento para fortalecer a identidade sócioterritorial. O conjunto de autores relacionado valoriza a temática no âmbito da Geografia.

Nova preocupação com Sobral é o que encontramos em “Impactos do crescimento urbano da cidade de Sobral nos parâmetros climáticos locais do vale do rio Acaraú (CE)”, trabalho de Valdelúcio Fonseca e da Dra. Isorlanda Caracristi. Referencia a limitação de estudos e levantamento de dados sobre clima local relacionado às atividades humanas, tomando como parâmetro as comunidades de Caieiras, diante da atividade de pecuária, agricultura e extração de areia; de Marrecas e Boqueirão que estão submetidas à especulação imobiliária para expansão urbana, com visível degradação acelerada. O estudo agrega os fatores que induzem os impactos relatados: proximidade à Serra da Meruoca, assentamento às margens do rio Acaraú, desmatamento indiscriminado e forte urbanização desordenada. O trabalho aborda as formulações teóricas da Geografia no estudo do clima, destacando autores clássicos como De Martonne, Max Sorre, Carlos Monteiro, dentre outros, apresentados nas duas dezenas de referências bibliográficas.

O texto final é dedicado ao ensino, refinado por uma metodologia do trabalho de campo (TC), destacado por mestres da ciência geográfica, como Jean Tricart e Delgado de Carvalho. A mestrandia Vanúzia Lima e o Dr. Lenilton Francisco de Assis nos apresentam “Os sentidos do espaço na geografia escolar: uma abordagem interdisciplinar humanista do trabalho de campo”. Valorizam a paisagem, não simplesmente como o “que é possível abarcar com a visão”, mas como recurso metodológico integrador e pluralista para a interdisciplinaridade. Isso vem ao encontro da contextualização, com apoio de E. Morin, em considerar a Geografia uma “ciência complexa por princípio, uma vez que abrange a física terrestre, a biosfera e as implantações humanas”. Além dessa consideração, o TC é tido como espaço de vivência, cuja leitura é elaborada por observação, descrição e inferências para a plenitude mnemônica e cognitiva para postura crítica. Os autores relacionam uma instrumentação adequada e completa para que o observado seja uma escola maior ou “laboratório a céu aberto”. Finalizam o trabalho com uma proposta de roteiros com temas para melhor conhecer Sobral por dentro e por fora.

Em cada trabalho há uma expressão de seriedade, de enriquecimento do saber geográfico, tanto por seus temas, como pela busca de fontes, de autores de nossa convivência e de outras paragens, de nosso tempo e de tempos passados. O que nos fica com a leitura de toda a coletânea – oportunamente preparada com fervor pelas organizadoras – é a revelação de novos talentos para a continuidade de nossa vida acadêmica.

Retornemos ao início do livro. Na apresentação, está explícito o porquê dessa obra. Nela, encontramos a arqueologia dos caminhos e lutas para edificar esse pequeno e importante

monumento da UVA, o Mestrado Acadêmico em Geografia. Essa escavação do tempo não se fez com instrumentos, mas com a narração cuidadosa e compassada para esquadrihar a história da arquitetura do que hoje temos aqui. Essa concretude se fez com o pensar, com as discussões, com as contradições, com os dissabores e até com a luta para ultrapassar a indiferença de alguns. O perpassar das caminhadas dos atores, com seus sonhos fulgurantes em dias e noites alinhados, deixaram marcas que não devem ser esquecidas. Aqui, pode-se repetir que sonhar sozinho é apenas um sonho, mas sonhar em conjunto é edificar uma realidade. Melhor ainda quando o sonho é prolongado para definir cada milímetro da caminhada para sua concretização mais firme e segura. Era como montar os minúsculos fragmentos da luneta para melhor ver o mundo a partir de Sobral. O discurso da Dra. Virgínia Holanda, no dia 18 de fevereiro de 2013, registrado nas páginas 9 a 13, nos expressou a verdade dessa construção. Pedacos de tempo que se juntavam, tal como a vida da Casa da Geografia, em 1995, passando pelos cursos de especialização, pelo nascimento dos núcleos de pesquisa, a feitura da graduação até chegar ao MAG. Por trás dessas ações, ausentes dessas reuniões estavam dezenas de jovens graduados, envoltos pela esperança de ingressar nas galerias do esplendor da pesquisa e de uma sólida formação científica. Um ano se passou desse encontro dos sonhadores com aqueles que agora têm seus nomes firmados nesse livro revelado.